

**A NARRATIVA COMO EXPERIÊNCIA NA SOCIEDADE ADMINISTRADA:  
AS POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO**

**THE NARRATIVE AS EXPERIENCE IN AN ADMINISTRATED SOCIETY:  
THE POSSIBILITIES IN INDIVIDUAL FORMATION**

**LA NARRATIVA COMO EXPERIENCIA EN LA SOCIEDAD ADMINISTRADA:  
LAS POSIBILIDADES EN LA FORMACIÓN DEL INDIVIDUO**

\*Valdelúcia Alves da Costa

\*\*Erika Souza Leme

\*\*\*Marta Cardoso Guedes

**RESUMO:** Neste artigo discutimos a formação do indivíduo considerando os desafios à experiência e, conseqüentemente, o empobrecimento da narrativa. À luz da Teoria Crítica da Sociedade refletimos sobre a sociedade administrada e as possibilidades da narrativa como experiência na resistência à dominação do capital. As formas de organização social e as relações humanas foram (e continuam sendo) determinadas pelo pensamento único ordenador, que se refere ao modo pelo qual o processo racional de esclarecimento obstaculiza a formação emancipadora, demandando a problematização que se volta contra a subjetivação ao se contrapor à sua coisificação. Como ilustração à narrativa como experiência apresentamos fragmentos da literatura de Gabriel García Márquez, Pablo Neruda e da educação como capazes de contribuir à formação e à subjetivação do indivíduo considerando a universalidade que o constitui.

**PALAVRAS-CHAVE:** Experiência. Narrativa. Formação. Subjetividade.

## **INTRODUÇÃO**

A sociedade moderna, considerada como sendo do conhecimento, coordena a estrutura de determinação da vida humana. Tal dominação se configura pelo pensamento ordenador, que diz respeito ao modo pelo qual o processo racional de esclarecimento impossibilita uma relação substancial entre experiência e pensamento em nome do progresso civilizatório da sociedade. A base do pensamento ordenador é a de negar o desconhecido para afugentar os medos e cunhar o pretenso poder dos homens sobre o mundo, como enfatizado por Adorno & Horkheimer (1985, p. 21):

---

\*Professora Titular atuante na Faculdade de Educação no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação (UFF), mestrado e doutorado em Educação. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) 'Políticas em Educação: Formação, Cultura e Inclusão'. E-mail: valdeluciaalvescosta@id.uff.br

\*\*Professora substituta(UFF). Mestrado em educação (UFRJ) e doutorado (UFF). Especialização em Linguística (UNESP). E-mail: erika.leme10@gmail.com

\*\*\* Professora de Educação Física (UGF). Doutoranda e Mestre em Educação (UFRJ). Especialista em Psicomotricidade (UNIIBMR). E-mail: martacardosoguedes@gamil.com

O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este os conhece na medida em que pode manipulá-los. O homem da ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em-si torna para-ele*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação.

Sendo assim, o pensamento ordenador não direciona apenas o mundo naquilo que ele é, mas naquilo que deve se tornar, conferindo-lhe o formato de organização sob a égide da centralidade do trabalho que serve à autoconservação do mundo administrado. Quanto a isso, Adorno & Horkheimer (1985, p. 25) problematizam:

A universalidade dos pensamentos, como a desenvolve a lógica discursiva, a dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentada na dominação do real. (...) O eu, que aprendeu a ordem e a subordinação com a sujeição do mundo, não demorou a identificar a verdade em geral com o pensamento ordenador, e essa verdade não pode subsistir sem as rígidas diferenciações daquele pensamento ordenador.

Essa estrutura configura as formas de dominação política, social e cultural que esvaziam o sentido da vida e negam a identificação do indivíduo com a humanidade do outro diferente de si. Isso porque, segundo Adorno & Horkheimer (1985, p. 20) a dominação que culmina na administração geral da vida tem como fundamento “(...) o esclarecimento que só reconhece como ser e acontecer o que se deixa captar pela unidade. Seu ideal é o sistema do qual se pode deduzir toda e cada coisa”.

Assim, quando a supremacia humana é ameaçada por algum objeto, os indivíduos são instruídos a ignorar, taxando como supérfluo, contingente e desnecessário, tal como problematizam Adorno & Horkheimer (1985, p. 18), ao constatar: “o que importa não é aquela satisfação que, para os homens se chama ‘verdade’; mas a *operation*, o procedimento eficaz”, isso porque “no trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido, e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade.” Em consequência, a humanidade presume estar livre do medo, por supor não haver o desconhecido.

Em outros termos, é o ciclo racional do esclarecimento que se torna natural, ‘a ratificação do destino’ que projeta sobre o esclarecimento a sua impossibilidade de superação. Nesse sentido, o conhecimento se transforma em reconhecimento e a experiência possível é apenas a de constatação e adaptação aos fatos. Em relação a isso, Adorno & Horkheimer (1985, p. 18), advertem que “(...) sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento

eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência”. E, mais, em relação a essa questão, os referidos autores (1985, p. 23), seguem afirmando:

O princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito. A insossa sabedoria para a qual não há nada de novo sob o sol, porque todas as cartas do jogo sem-sentido já teriam sido jogadas, porque todos os grandes pensamentos já teriam sido pensados, porque as descobertas possíveis poderiam ser projetadas de antemão, e os homens estariam forçados a assegurar a autoconservação pela adaptação – essa insossa sabedoria reproduz tão somente a sabedoria fantástica que ela rejeita: a ratificação do destino que, pela retribuição, reproduz sem cessar o que já era. O que seria diferente é igualado. Esse é o veredicto que estabelece criticamente os limites da experiência possível.

Com efeito, Adorno & Horkheimer problematizam o modo pelo qual o esclarecimento se relaciona com seus objetos e para isso traz à tona as narrativas míticas, nas quais os heróis se aproximam do objeto de modo que ao serem afetados o afetam ao mesmo tempo. A fim de negar essa relação de reciprocidade, os procedimentos científicos pautam-se na fungibilidade universal, como afirmam (p.22), princípio que estabelece o distanciamento entre sujeito e objeto, no qual a experiência perde espaço em prol da indiferenciação com relação ao objeto.

Portanto, há que se considerar, como Adorno (1995, p. 187), ao referir-se à relação conturbada entre sujeito e objeto, que “O indivíduo particular deve ao universal a possibilidade de sua existência; o pensar dá testemunho disso, ele que, por sua parte, é uma condição universal e, portanto, social”. Por isso, é de fundamental importância quando se trata da formação do indivíduo se considerar:

A unificação da função intelectual, graças à qual se efetua a dominação dos sentidos, a resignação do pensamento em vista da produção da unanimidade, significa o empobrecimento do pensamento bem como da experiência: a separação dos dois domínios prejudica a ambos. A limitação do pensamento à organização e à administração, praticada pelos governantes desde o astucioso Ulisses até os ingênuos diretores-gerais, inclui também a limitação que acomete os grandes tão logo não se trata mais apenas da manipulação dos pequenos. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 41)

Em consequência, a crítica não se faz presente no pensamento, devido ao mundo administrado que somente oportuniza experiências repetitivas e pensamentos incapazes de tensionar seus objetos, e tão somente assimilá-los em uma totalidade ordenada.

A esse respeito, Adorno & Horkheimer (1985, p. 33) questionam que “(...) o pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele produz para que

ela possa finalmente substituí-lo. O esclarecimento pôs de lado a exigência clássica de pensar o pensamento”.

Mediante o mundo administrado, as relações e as experiências são empobrecidas, de modo que nada parece afetar o indivíduo, por não fazer sentido a mera reprodução unilateral do que existe, sem a devida crítica e aproximação com o objeto:

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 35).

Esse processo de fortalecimento identitário, pautado no enfraquecimento subjetivo, fez com que, como destacado por Adorno & Horkheimer (1985, p. 24), a figura do indivíduo desaparecesse, devido a que “Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual”. Conseqüentemente:

A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de apreender o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas. Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força. (p. 41)

O pensamento de Adorno & Horkheimer faz retomar a problemática do mundo sem sentido, que traz consigo a pressão invisível e inaudita sobre os indivíduos que alcançam as raias da desumanização. Assim, em face da demanda humana, que não deixa de existir mesmo sob essa ‘pressão’, há de se pensar se é possível resistir a isso?

Para Adorno & Horkheimer (1985) é preciso identificar no próprio desenvolvimento da razão os momentos de dominação que solapam seu ideal de emancipação. E é precisamente sobre isso que recai a crítica, por possibilitar a dúvida e permitir a ousadia de sonhar com dias melhores.

Diante disso, Adorno ressalta a importância da formação para o esclarecimento (mesmo considerando seus limites) devido ser “(...) hoje em dia extremamente limitada à possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais

acontecimentos”, o que faz com que “(...) as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz sejam impelidas para o lado subjetivo”. (ADORNO, 2010, p. 121).

Nesse sentido, Adorno enfatiza a potencialidade da crítica na formação no desenvolvimento do conhecimento, mesmo reconhecendo seus limites. Por isso, admite suas possibilidades ao admitir:

Mesmo que o esclarecimento racional não dissolva diretamente os mecanismos inconscientes – conforme ensina o conhecimento preciso da psicologia –, ele ao menos fortalece na pré-consciência determinadas instâncias de resistência, ajudando a criar um clima desfavorável ao extremismo. (ADORNO, 2010, p. 136).

A possibilidade está na experiência do contato poder reconstituir a esperança do passado de alinhar o pensamento com a experiência. Porque “(...) não se trata de conservar o passado, mas de resgatar a esperança passada”. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.14). De modo que se possibilite a compreensão da vida como ela está posta para que se torne possível fazê-la diferente. Pois:

Essa aparência, na qual se perde a humanidade inteiramente esclarecida, não pode ser dissipada pelo pensamento que tem de escolher, enquanto órgão de dominação, entre o comando e a obediência. Incapaz de escapar ao envolvimento que mantém preso à pré-história, ele consegue, no entanto, reconhecer na lógica alternativa, da consequência e da antinomia, com a qual se emancipou radicalmente da natureza, a própria natureza, irreconciliada e alienada de si mesma. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.43)

Nesse sentido, como lógica alternativa se vislumbra a formação que se volta à subjetivação, ou seja, voltada ao indivíduo sem negar sua universalidade histórica e cultural. Reestruturando a relação entre o indivíduo e o mundo, salvaguarda-se a possibilidade de se considerar as experiências vividas nas situações mais particulares da vida. Segundo Adorno (1996, p. 396), a consciência coisificada altera a própria via da experiência que é substituída por um estado de indiferença, de efemeridade e de absoluta alienação:

A experiência – a continuidade da consciência perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo – fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações. Em lugar do *temps duré*, conexão de um viver em si relativamente uníssono que se desemboca no julgamento, se coloca um «É isso» sem julgamento, algo parecido à fala desses viajantes que, do trem, dão nomes a todos os lugares pelos quais passam como um raio, a fábrica de rodas ou de cimento, o novo quartel, prontos para dar respostas inconsequentes a qualquer pergunta.

Nessa perspectiva, Benjamin (1987) relaciona o problema da narração com as mudanças da sociedade moderna, que resulta na perda do caráter de experiência coletiva e com a ausência da tradição de narrativa compartilhada de pai para filho proveniente das sociedades artesanais. Segundo Benjamin (1987, p. 199) o sistema corporativo medieval contribuía para interpenetração de dois grupos de narradores anônimos: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante:

O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro. Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário.

A experiência que passa de pessoa a pessoa, seria para ele, a fonte a que recorrem todos os narradores e o senso prático seria uma das características de muitos narradores natos. Pois, a natureza da verdadeira narrativa traria sempre em si, uma dimensão utilitária, um ensinamento. Assim, Benjamin inclusive admite que os provérbios seriam ‘ruínas’ de antigas narrativas. A narração não seria o produto exclusivo da voz; mas sim uma prática que envolvia a alma, o olho e a mão inscritos no mesmo campo do artesão, que enquanto trabalhava, narrava suas histórias.

Consequentemente, para Benjamin (1987, p. 202) a perda da narração e, por conseguinte, da experiência tem como consequência a supressão da memória do indivíduo e a perda do sentido da história:

Com a consolidação da burguesia - da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes - destacou-se uma forma de comunicação que, por mais antigas que fossem suas origens, nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce essa influência. Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa forma de comunicação é a informação.

A era da informação representa o aligeiramento em todas as relações sociais, seja na produção de conhecimento, no trabalho e entre os indivíduos. Tal como problematizam Costa e Leme (2014, p.144), “A circunstância do mundo totalmente administrado, movido pela razão instrumental, impõe o domínio técnico sobre o indivíduo, o que resulta em processos de massificação e de alienação da consciência e, consequentemente, em barbárie”.

Benjamin (1987, p. 206), remetendo-se a Paul Valery, afirma que a narrativa está ligada ao trabalho manual como um trabalho lento, inspirado na natureza, que busca a perfeição sem se preocupar com o tempo; pois “(...) já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado”. Porém, essa lógica não é definitiva, como tensionam Adorno & Horkheimer (1985, p. 41-42), afirmando que “(...) são as condições concretas do trabalho na sociedade que forçam o conformismo e não as influências conscientes, as quais por acréscimo embruteceriam e afastariam da verdade os homens oprimidos”.

Por isso, faz-se urgente resgatar a narrativa como experiência na contemporaneidade, considerando-se sua perda ao longo da história e do processo civilizatório. A formação tem um papel central nessa possibilidade da experiência materializada por intermédio da narrativa, impedindo seu empobrecimento e, conseqüente, desaparecimento das relações sociais como um antídoto à frieza burguesa imposta aos indivíduos para que seja possível se viver na sociedade capitalista de classes.

## **NARRATIVA: A CENTRALIDADE DA EXPERIÊNCIA NA SUBJETIVAÇÃO DO INDIVÍDUO**

Nas sociedades modernas, com destaque ao avanço do capitalismo, o tempo entrecortado e a divisão do trabalho promovem o individualismo não permitindo a escuta e o caminho natural seguido pelas histórias narradas. Assim, as ações da experiência estariam em declínio e a arte de narrar definhando porque, segundo Benjamin (1987, p. 200-201), a sabedoria estaria em extinção:

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter a sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um ‘sintoma de decadência’ ou uma característica ‘moderna’. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas.

Quanto a isso, vale recordar que há algum tempo era costume as famílias sentarem-se ao redor da mesa para as refeições e ali ficarem contando e ouvindo histórias; muitas vezes por muitas horas. Hábito esse que foi definindo pela sociedade administrada e, conseqüentemente, pelo estatuto de centralidade assumido pelo trabalho na produção da vida material, provocando o empobrecimento da experiência da narrativa e da vida espiritual tanto durante a existência quanto por ocasião da morte. Como se por ocasião da morte a vida deixasse de existir, devido à ausência física. Assim, a história de vida tende a desaparecer da memória daqueles que seguem vivos. Para Benjamin (1987, p. 207), a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos:

No decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a ideia da morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. Esse processo se acelera em suas últimas etapas. Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitar o espetáculo da morte. Morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo, e seu caráter era altamente exemplar: recordem-se as imagens da Idade Média, nas quais o leito de morte se transforma em trono em direção ao qual se precipita o povo, através das portas escancaradas.

O aspecto relevante a se discutir sobre esse fenômeno é que não somente se evita ‘o espetáculo da morte’, como é sepultada junto com o morto a possibilidade de continuar vivo, ao menos para a coletividade do grupo no qual viveu, pondo um ponto final em sua existência, onde poderia se instalar a possibilidade de continuidade por intermédio da narrativa sobre sua trajetória de vida, como afirmado por Benjamin (1987, p. 207-208):

Hoje, os burgueses vivem em espaços depurados de qualquer morte e, quando chegar sua hora, serão depositados por seus herdeiros em sanatórios e hospitais. Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e, sobretudo, sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim, como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso -, assim, o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo que lhe diz respeito àquela autoridade, que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade.

A morte física de um ente querido representa uma perda significativa com impactos sobre a subjetividade do indivíduo que vive o luto, sobretudo em idade tenra e podendo persistir ao longo da vida. O luto prolongado sem consolo, resultante do esvaziamento por ocasião da morte e, conseqüentemente, no empobrecimento da experiência da memória a ser



narrada, é fruto de uma sociedade que não tolera o medo de se assumir insignificante diante da vida. Isso pode ser ilustrado pela ausência de narrativas familiares sobre o indivíduo que morre provocando uma lacuna abissal na subjetivação do indivíduo.

Por esse motivo, é de fundamental importância se cultivar a narrativa de memórias como uma experiência existencial. Quanto a isso, García Márquez (2003, p. 5), em seu livro *Viver para contar*, nos brinda com preciosas memórias de sua adolescência vivida em Barranquilla, Colômbia, afirmando que “A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”. Isso instiga a admitir que a memória, necessariamente, não assume compromisso com os fatos vividos em determinada época da vida; mas, sim com seu significado e impacto sobre a vida do indivíduo, ou seja, se foi uma experiência demanda ser narrada. Quanto a isso, García Márquez, ao narrar as experiências vividas com sua mãe durante sua adolescência, após alguns anos longe dela, na volta à sua casa Barranquilla, agora posta à venda, ambos se encontram e iniciam alguns passeios juntos, que duraram dois dias, com o intuito de vender a casa. Durante esses dias, García Márquez (2003, p. 45) encontrou vários personagens de sua infância e as memórias voltaram à sua subjetividade com uma força extraordinária, estando agora eternizadas nesse livro e marcadas em sua subjetividade, quando escritas na exuberância literária de seus mais de 75 anos de sua vida e, assim, justificadas:

Nem minha mãe e nem eu, é claro, teríamos podido nem mesmo imaginar que aquele cândido passeio de dois únicos dias seria tão determinante para mim que nem a mais longa e diligente de todas as vidas não me bastaria para acabar de contá-lo. Agora, com mais de setenta e cinco anos bem pesados, sei que foi a decisão mais importante de todas as que tive que tomar na minha carreira de escritor. Ou seja: em toda a minha vida. Até a adolescência, a memória tem mais interesse no futuro que no passado, e por isso minhas lembranças da cidadezinha ainda não estavam idealizadas pela nostalgia.

Após essa discussão sobre a experiência narrativa e suas contribuições à subjetivação do indivíduo, apresentamos uma experiência vivida com alunos da Comunidade da Rocinha, na cidade do Rio de Janeiro, que se revelou capaz de permitir, por intermédio da narrativa, a expressão e a elaboração de acontecimentos traumáticos ocorridos em suas vidas. Que puderam ser narradas e compartilhadas antes de serem ‘idealizadas pela nostalgia’.

## **O BARCO: UMA EXPERIÊNCIA LÚDICO-CRIADORA DO FAZER ARTÍSTICO NA COMUNIDADE DA ROCINHA**

No ano de 2006, tivemos a oportunidade de viver uma experiência coletiva sobre a possibilidade imaginária de morte, na qual foi possível perceber sentimentos profundos de medo que puderam ser verbalizados, trazendo à consciência angústias reprimidas dos alunos da Comunidade da Rocinha. Para tal, desenvolvemos uma vivência lúdico-criadora do fazer artístico<sup>1</sup>, denominada *O Barco*. Para realizá-la transformamos velhos colchões em um grande barco, no qual os alunos do segundo ano do ensino fundamental, do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Doutor Bento Rubião, realizaram uma viagem marítima imaginária, na qual deveria ocorrer um imprevisto.

A experiência se desenvolveu durante uma aula com duração de 50 minutos, contando com a participação de 20 alunos, sendo 13 meninas e 7 meninos na faixa etária de sete a nove anos de idade. Por meio do estímulo de uma música de hip-hop, com acordes e gritos de socorro na introdução, expressando sentimento de medo. Essa introdução durava um minuto aproximadamente, e depois a música seguia, por mais seis minutos, no ritmo hip-hop animado e distinto da introdução. A escolha dessa música em especial foi pela intenção de se ter um mote emocional para a ocorrência do imprevisto previsto para ocorrer durante a viagem marítima imaginária; imprevisto esse que aconteceria no decorrer da viagem sem combinação prévia: o objetivo era sensibilizar as crianças, por meio da música, para uma improvisação teatral que se desenvolveria na experiência coletiva.

Então, as crianças desenvolveram uma improvisação e agiram, virando o *Barco*, algumas morrendo afogadas, outras nadando até a praia e, mais, sendo devoradas por tubarões e, outras ainda, conseguindo desvirar o *Barco*, consertá-lo e prosseguir viagem.

Após a experiência, às crianças puderam narrar suas impressões e sentimentos e o que havia sido interessante. Inesperadamente, de maneira intensa as narrativas das crianças extrapolaram a experiência do *Barco* recaindo no cotidiano violento de suas vidas na Comunidade da Rocinha; ao narrarem sobre o sentimento de medo que as dominava por ocasião dos tiroteios.

---

<sup>1</sup> Ler GUEDES, M. *Inclusão em Educação na Rocinha: vivências lúdico-criadoras do fazer artístico nas culturas, políticas e práticas de uma escola de ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado em Educação, UFRJ, 2011. Disponível na Biblioteca on-line da UFRJ: [http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes/marta\\_cardoso\\_guedes.pdf](http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes/marta_cardoso_guedes.pdf). Acesso em 10/03/2016.

Narraram que durante os tiroteios se escondiam debaixo da cama ou atrás da geladeira; outras narraram que ficavam apavoradas quando seus pais ainda não haviam retornado do trabalho; ficando em espera na janela, outras diziam que sentiam dor de barriga, que choravam. Uma das crianças chorava enquanto narrava sua história. Vale destacar que as narrativas, em nenhum momento, fizeram referência à atividade do Barco, extrapolando-a de maneira inimaginável à realidade cotidiana dos tiroteios na Comunidade da Rocinha e do medo reprimido por elas.

Uma vez que o cotidiano violento no dia-a-dia delas, e no entorno da escola, foi transformado em mera informação que banaliza ao se voltar apenas à superfície, isso é, à aparência e, como consequência, a vida está ausente na/da narrativa escolar e, mais, é um assunto silenciado e, portanto, administrado. No contexto desse sistema social se apresenta a possibilidade das experiências narrativas. Pois, segundo Benjamin (1987, p. 203-204):

A informação só tem valor no momento em que é nova. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. Metade da arte narrativa está em evitar explicações, o extraordinário e o miraculoso são narrados com exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.

Essa experiência provocou impactos sobre a vida dos alunos da Comunidade da Rocinha. Pois, durante alguns meses, as crianças pediam a música de hip-hop da experiência do *Barco* (intitulada por eles como a ‘música do medo’), que contraditoriamente possibilitou viver a experiência do medo, superando o ofuscamento imposto pela racionalidade técnica, como problematiza Adorno & Horkheimer (1985, p. 41):

A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de apreender o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas. Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltará à lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força.

Dessa maneira, torna-se possível compreender a resistência, na perspectiva do pensamento de Adorno e Horkheimer, a recusa à coisificação do indivíduo. É sabido, não se trata de algo simples. Antes, demanda movimentos de reflexão e autorreflexão no alcance da diferenciação por intermédio de experiências humanizadoras vividas em espaços de formação,

nos quais seja possível afirmar que “Narrar algo significa, na verdade, ter algo especial a dizer e, justamente isso, é impedido pelo mundo administrado pela estandardização e pela mesmidade”. (ADORNO, 1980, p. 270)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo deste texto de discutir aspectos da formação do indivíduo ao problematizar os obstáculos à experiência na sociedade administrada e, conseqüentemente, a escassez da narrativa na sociedade contemporânea, se voltou aos modos de se viver e conviver sob a égide do empobrecimento da experiência narrativa. Por outro lado, foi possível chegar até aqui na tentativa exitosa de se enfrentar a frieza burguesa, marca da sociedade da indústria cultural, da indiferença frente ao objeto, por intermédio da elevação do nível da consciência para saber que, como analisado por Adorno & Horkheimer (1985, p. 20):

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviço de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários, não importa sua origem. A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência.

Assim, a luta é pela formação que conduza o indivíduo ao desenvolvimento da sensibilidade e à humanização, mesmo levando em conta os limites sociais e a vida administrada que, contraditoriamente, também contém os germes da emancipação. As contradições sociais se apresentam como a mola propulsora ao questionamento e, conseqüentemente, podendo se transformar em chave-mestra à crítica e à resistência que não permite transformar a vida em mera resignação, ao manter no espírito o pensamento de Horkheimer (1989, p. 136), ao argumentar que “(...) a exposição das contradições sociais não seja meramente uma expressão da situação histórica, mas também um fator que estimula e que transforma”.

Assim, trouxemos à tona a reflexão e análise sobre a experiência narrativa tendo como suporte o pensamento de Adorno, Horkheimer e Benjamin sobre a banalização da experiência e sua narrativa e, para além da constatação no presente, esses pensadores expressam suas conseqüências: o empobrecimento de viver e narrar experiências na sociedade administrada.

Tal fato decorre da impossibilidade de se conhecer em profundidade, ou seja, para além do aligeiramento e da superficialidade imposta pelo excesso de informação fornecida pelos meios midiáticos, contribuindo ao enfraquecimento e declínio da experiência da narrativa e, conseqüentemente, obstando a formação do indivíduo.

Por isso, urge desejar nossa força intelectual em prol da formação do indivíduo por intermédio da capacidade de viver e narrar experiências. Levando em consideração que a narrativa, segundo Benjamin (1980, p. 62) “(...) não se exaure. Conserva coesa a sua força e é capaz de desdobramento mesmo depois de passado muito tempo”.

Posto que “O narrador é a forma na qual o Justo se encontra a si próprio”, como afirmado por Benjamin (1987, p. 57), sendo esse um traço significativo do indivíduo - ter algo a narrar é mais que repetir palavras e fatos. Mais ainda, segundo o referido autor ‘Narrador’ tem como sua matéria a vida humana e estabelece com ela uma relação artesanal. Esse ‘Narrador’ sabe, por isso, dar *conselhos* (no sentido de *Conselho Verdadeiro - Rat*) como um sábio, podendo basear-se na *Experiência (Erfahrung)* de uma vida universal.

Nesse sentido, a experiência da narrativa na formação do indivíduo expressa uma força propulsora com potencial emancipatório de professores-narradores, tornando-os capazes de viver algo que se aproxime das experiências narradas por Neruda (2002, p. 7), em seu livro *Confieso que he vivido*, fazendo-o afirmar:

De cuanto he dejado escrito en estas páginas se desprenderán siempre – como en las arboledas de otoño y como en el tiempo de las viñas – las hojas amarillas que van a morir y las uvas que revivirán en el vino sagrado. Mi vida es una vida hecha de todas las vidas: las vidas del poeta.

Por fim, há que se considerar a experiência e a narrativa como componentes da formação do indivíduo e, conseqüentemente, as contribuições à sua subjetivação ao possibilitar a reflexão sobre a sociedade administrada, sem perder a universalidade que o constitui cotidianamente, isso é, que os professores reúnam em si, em seu processo formativo, a universalidade ‘das vidas do poeta’, mesmo considerando as contradições de sua formação sob a égide do capital e dos limites sociais.

**THE NARRATIVE AS EXPERIENCE IN AN ADMINISTRATED SOCIETY:  
THE POSSIBILITIES IN INDIVIDUAL FORMATION**

**ABSTRACT:**In this article, we argue the individual formation, considering the challenges to experience and, consequently, the impoverishment from narrative. To the Light of Critic Theory of Society (À luz da Teoria Crítica da Sociedade), we reflect about administrated society and the possibilities of narrative as a experience in the resistance to capital domination. The constitutions of social organizations and the human relationship were (and still are) determined by the only guiding thought that can referee to the way a rational process of clarification becomes difficult an emancipator formation, demanding administrated society problematization that turns itself against the individual subjectification when he fight against his state is being alienated. As illustration to narrative as experience, we present the Gabriel García Marquez and Pablo Neruda's literature fragments and the education as being able to contribute to individual formation and subjectification considering universality that constitutes him.

**KEYWORDS:** Experience. Narrative. Formation. Subjectification.

**LA NARRATIVA COMO EXPERIENCIA EN LA SOCIEDAD ADMINISTRADA:  
LAS POSIBILIDADES EN LA FORMACIÓN DEL INDIVIDUO**

**RESUMEN:** En este artículo se discute la formación del individuo considerando los desafíos de la experiencia y consecuentemente el empobrecimiento de la narrativa.

La Teoría Crítica de la Sociedad se adopta en el análisis de la sociedad administrada y las posibilidades de que la experiencia y la narrativa se constituyan en formas de resistencia a la dominación bajo la égida del capital. Las formas de organización social y las relaciones humanas siempre han sido determinadas por el pensamiento único ordenador, que se refiere al modo por el cual el proceso racional de elucidación impide la formación emancipadora. Se constata la demanda por problematizar a la sociedad administrada que se vuelve contra la subjetivación del individuo para hacer posible contraponerse a su cosificación. Así, presentamos experiencias narrativas en la literatura de Gabriel García Márquez, Pablo Neruda y en la educación, como parte de la formación del individuo y por consiguiente las contribuciones a su subjetivación sin que se pierda la universalidad que constituye el individuo.

**PALABRAS CLAVE:** Experiencia. Narrativa. Formación. Subjetividad.

**REFERÊNCIAS**

ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. 5ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

\_\_\_\_\_. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, W. et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril, 1980, p. 26-273. (Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, v.1. Tradução Sérgio Paulo Ruanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. O narrador. In: BENJAMIN et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril, 1980, p. 57-74. (Os Pensadores).

COSTA, V. A. da; LEME, E. S. Tecnologias na educação. Desafios à formação e à práxis. *Revista Iberoamericana de Educación*, nº. 65 (2014), p. 135-148.

MÁRQUEZ, G. G. *Viver para contar*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NERUDA, P. *Confieso que he vivido*. Barcelona: Plaza & Janés Editores, S.A., 2002.

Recebido em março de 2016

Aprovado em setembro 2016